

“ELIMINAREI COMPLETAMENTE A MEMÓRIA DE AMALEQUE DEBAIXO DOS CÉUS”

Análise Exegética de Êxodo 17.8-16

Tiago Abdalla Teixeira Neto

TEXTO HEBRAICO

17.8 וַיִּבֹּא עַמְלֵק וַיִּלָּחֶם עִם־יִשְׂרָאֵל בְּרִפְדִּים:
17.9 וַיֹּאמֶר מֹשֶׁה אֶל־יְהוֹשֻׁעַ בַּחֲר־לָנוּ אַנְשִׁים וְצֵא הִלָּחֶם
בְּעַמְלֵק מִחֹר אַנְכִּי נֹצֵב עַל־רֹאשׁ הַגְּבֻעָה וּמִטָּה
הָאֱלֹהִים בְּיָדִי:
17.10 וַיַּעַשׂ יְהוֹשֻׁעַ כְּאֲשֶׁר אָמַר־לוֹ מֹשֶׁה לְהִלָּחֶם בְּעַמְלֵק
וּמֹשֶׁה אֶהְרֹן וְחֹר עָלוּ רֹאשׁ הַגְּבֻעָה:
17.11 וַהֲיֵה כְּאֲשֶׁר יִרְיֶם מֹשֶׁה יָדוֹ וְגִבֹּר יִשְׂרָאֵל
וּכְאֲשֶׁר יִגִּיחַ יָדוֹ וְגִבֹּר עַמְלֵק:
17.12 וַיִּדְּי מֹשֶׁה כְּבָדִים וַיִּקְחוּ־אֶבֶן וַיִּשְׁיִמוּ תַחְתָּיו וַיִּשָּׁב
עָלֶיהָ וְאֶהְרֹן וְחֹר תָּמְכוּ בְּיָדָיו מִזֶּה אַחַד
וּמִזֶּה אַחַד וַיְהִי יָדָיו אֲמוּנָה עַד־בֹּא הַשָּׁמֶשׁ:
17.13 וַיִּחַלֵּשׁ יְהוֹשֻׁעַ אֶת־עַמְלֵק וְאֶת־עַמּוֹ לְפִי־חָרֹב פֹּ:
17.14 וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל־מֹשֶׁה כְּתֹב זֶאת זְכָרוֹן בַּסֵּפֶר
וְשִׂים בְּאָזְנִי יְהוֹשֻׁעַ כִּי־מָחָה אֶמְחָה אֶת־זְכֹר עַמְלֵק
מִתַּחַת הַשָּׁמַיִם:
17.15 וַיִּבֶן מֹשֶׁה מִזְבֵּחַ וַיִּקְרָא שְׁמוֹ יְהוָה נָסִי:
17.16 וַיֹּאמֶר כִּי־יָד עַל־כַּס יְהִי מִלְחָמָה לִיהוָה בְּעַמְלֵק
מִדֶּרֶךְ דֶּר פֹּ:

TRADUÇÃO DO TEXTO

17.⁸Então,^a veio Amaleque e guerreou contra^b Israel em Refidim. ⁹Diante disso,^c Moisés disse a Josué: “Escolhe alguns dos nossos^d homens e sai para guerrear^e contra Amaleque. Amanhã, eu estarei posicionado^f sobre o topo da colina, com a vara de Deus em minha mão”.

¹⁰Assim,^g Josué guerreou^h contra Amaleque, conforme Moisés lhe ordenou. E Moisés, Arão e Hur subiram ao topo da colina. ¹¹Quando Moisés erguia a sua mão,ⁱ Israel prevalecia, mas quando a abaixava, Amaleque prevalecia. ¹²Ora, as mãos de Moisés ficaram cansadas.^j Então, tomaram uma pedra, colocaram

debaixo dele e se assentou sobre ela. Arão e Hur sustentavam as suas mãos, um de um lado e o outro, do outro.^k Assim,^l as mãos de Moisés ficaram firmes até o pôr do sol. ¹³Deste modo, Josué derrotou Amaleque e seu povo ao fio^m da espada.

¹⁴O SENHOR disse a Moisés: “Escreve isto num livro, comoⁿ memorial e declara^o a Josué que eliminarei completamente^p a memória de Amaleque debaixo dos céus”. ¹⁵Moisés construiu um altar e declarou Seu nome: “O SENHOR é a minha bandeira”. ¹⁶E disse: “Por causa da mão levantada contra o trono do SENHOR,^q haverá guerra da parte do SENHOR contra Amaleque, de geração a geração”.

NOTAS TEXTUAIS

^a A conjunção ׀ no início do verso 8 deve ser lida em sua relação com o final do versículo: “em Refidim”. Em Êxodo 17.1, há a informação de que o evento dos versos 1-7, no qual Deus provê água para o povo, também, ocorre “em Refidim”. A função do w, portanto, é ligar as duas perícopes que ocorrem no mesmo local (vv. 1-7 e vv. 8-16).¹

^b Apesar do sentido comum de ׀י ser “com”, aqui, sintaticamente, possui o sentido de desvantagem,² ou seja, “contra”.

^c A tradução reflete o entendimento de que a conjunção w tem função consecutiva, indicando a reação de Moisés, em resposta ao ataque amalequita.³

^d Aqui, segue-se o TM (Texto Massorético) em lugar da LXX (Septuaginta), Siríaca e a maioria dos manuscritos do Targum. Estes parecem ser uma tentativa de arranjo para o texto hebraico, de entendimento não tão fácil. A preposição ׀] deve ser entendida em seu uso genitivo, “de nós”, referindo-se aos homens que faziam parte do povo de Israel, e não como objeto indireto, conforme a tradução da LXX sugere, “para ti”.⁴ A nota textual da NET BIBLE indica que a falta de artigo antes de ׀ׁ׃ favorece o entendimento do ׀] como genitivo, já que não se refere a todos os homens, mas a alguns “[dentre ou]dos que fazem parte dos nossos”.⁵

¹ DURHAM, John I. *Exodus*. Word Biblical Commentary Series. Waco, Texas: Word, 1987. p. 233.

² PINTO, Carlos Osvaldo C. *Fundamentos para exegese do Antigo Testamento: um manual de sintaxe hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 135.

³ PINTO, Carlos Osvaldo C. *Op cit.* p. 139.; SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 188.

⁴ PINTO, Carlos Osvaldo C. *Op cit.* p. 125.; SCHÖKEL, Luis Alonso. *Op cit.* p. 330.

⁵ NET BIBLE. Biblical Studies Foundation. Disponível em www.bible.org. Acessado em Setembro de 2008. tn. (translators' note) 27.

^e A seqüência dos dois verbos no imperativo, יָצֵא וְקָרַב - “sai” e “guerreia” - ainda que não possuam o ו entre eles, apontam para uma relação subordinada de finalidade. Josué é chamado a *sair* com a finalidade de *guerrear* contra os amalequitas. Portanto, tanto “sai para guerrear” ou “sai para que guerreies” são traduções adequadas para essa seqüência volitiva.

^f “Estarei posicionado” espelha melhor a ação contínua descrita com o particípio hebraico.⁶

^g O ו é entendido com sua função consecutiva, expressando a conseqüência da ordem dada a Josué.

^h A LXX traz ἐξελθὼν παρετάξατο (“saindo, colocou-se [contra Amaleque]” ou “partiu para guerrear”⁷), uma provável alusão ao verso 9. Aqui, segue-se o sentido do TM, que literalmente seria “E Josué fez conforme Moisés lhe disse para guerrear [infinitivo construto]”.⁸

ⁱ O Pentateuco samaritano traz o plural “suas mãos”, o que provavelmente é um acréscimo textual por melhor se encaixar com os versos a seguir.

^j O texto hebraico diz literalmente: “as mãos de Moisés [estavam] pesadas”. A tradução, portanto, apresenta uma interpretação da expressão hebraica, o que parece ser coerente com a continuidade do relato, em que Moisés precisa sentar e ser ajudado por Arão e Hur para manter suas mãos erguidas.

^k Aqui, novamente, é uma interpretação da seguinte frase no hebraico: “deste, um e deste, um”.

^l Opta-se pelo comum יָמָיו de começo de orações, conforme o TM, em lugar do plural masculino יָמָיו proposto pela LXX, Siríaca e Targumes que não se encaixa com a palavra hebraica feminina para “mãos”.⁹ A conjunção “assim” equivale a “E aconteceu que”.¹⁰

^m O hebraico diz literalmente: “pela boca da espada”. Neste idiomatismo se encontra a idéia de que a espada devorou o exército inimigo, sem piedade.¹¹

⁶ PINTO, Carlos Osvaldo C. *Op cit.* p. 83.

⁷ Tradução proposta por PROPP, William. *Exodus 1-18: a new translation with introduction and commentary.* Anchor Bible. New York: Doubleday, 1999. p. 614.

⁸ *Idem. Ibid.*

⁹ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 233; PROPP, William. *Op cit.* p. 614, 618.

¹⁰ Ver a proposta de DURHAM, John I. *Op cit.* p. 233.

¹¹ NET BIBLE. *Op cit.* tn. 37.

ⁿ No TM não consta a conjunção “como”, mas esta é necessária na tradução para o português, dentro do sentido proposto pelo texto hebraico.

^o Literalmente, “põe nos ouvidos de Josué”.

^p No hebraico, o verbo מָחַד ocorre no imperfeito e no infinitivo absoluto, enfatizando a ação de Deus em eliminar totalmente o povo de Amaleque. Por isso, a tradução “eliminaréi completamente”.¹²

^q Esta parte do texto é de natureza bem complexa. O texto massorético diz: $\text{יָדְךָ עַל־כֵּסֵי יְהוָה}$ (“mão sobre/contra o kēs de Yah”). A LXX traz $\acute{\epsilon}\nu\ \chi\epsilon\iota\rho\acute{\iota}\ \kappa\rho\upsilon\phi\alpha\acute{\iota}\alpha$ (“com secreta mão”) em lugar da frase do TM, referindo-se ao empreendimento da guerra por Yahweh contra Amaleque.¹³ A Siríaca e o Pentateuco Samaritano em vez de יָדְךָ עַל־כֵּסֵי trazem כִּסֵּי (“trono”). Apesar da emenda textual comumente proposta de עַל־כֵּסֵי em lugar de כִּסֵּי , não há qualquer apoio dos manuscritos para isso. Diante destas observações, é melhor entender עַל־כֵּסֵי (que não ocorre em nenhum outro lugar no Antigo Testamento) como uma referência a כִּסֵּי . Primeiro, pelo apoio de manuscritos nessa direção (Siríaca e Pentateuco Samaritano). Depois, porque, contextualmente, isso faz jus à idéia do texto, indicando que “Por causa da mão levantada contra o trono do SENHOR (Yahweh)” - $\text{יָדְךָ עַל־כִּסֵּי יְהוָה}$ - “haverá guerra da parte do Senhor contra Amaleque, de geração a geração”. O “trono” seria uma referência à soberania de Yahweh, por meio da qual Ele conduziria seu povo à Terra Prometida. Tal soberania foi resistida pela “mão” amalequita, quando ela se insurgiu contra o projeto divino e fez guerra contra Israel. Conseqüentemente, Yahweh faria guerra contra os amalequitas de geração a geração.¹⁴

ANÁLISE CONTEXTUAL, LITERÁRIA E TÉLICA DA NARRATIVA

A autoria do Pentateuco sempre foi reconhecida, quase por unanimidade nas tradições judaica e cristã, como sendo do próprio Moisés. Escritores judaicos como Filo e Josefo, além do

¹² OWENS, John Joseph. *Analytical Key to the Old Testament*. Grand Rapids: Baker, 1990-1993. v.1. p. 316; NET BIBLE. *Op cit.* tn. 41.

¹³ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 233.

¹⁴ *Idem.* p. 233-234, 237.

Talmude, bem como os cristãos Ireneu, Tertuliano e Jerônimo defendem a autoria mosaica, admitindo, em alguns casos, um trabalho de edição posterior por Esdras.¹⁵

Apenas nos séculos XVIII e XIX começou-se a questionar com maior intensidade a autoria única de Moisés, devido ao entendimento de que o texto apresentava duplicatas e contradições. Isso culminou na famosa hipótese documentária, desenvolvida e popularizada por Julius Wellhausen (1878).¹⁶ Assim, dividiu-se o Pentateuco, e por inclusão o livro do Êxodo, em quatro fontes maiores que, também, passaram a se subdividir.

A primeira fonte é J (Javista), caracterizada pelo nome divino Javé (Yahweh) e pela ênfase na imanência divina, escrita por volta de 950 – 850 a.C. A outra é E (Elohista) que prefere Elohim como nome de Deus e destaca sua transcendência. A partir da revelação do nome de Javé (Êx 3; 6) passa a empregar ambos os nomes para Deus e foi composta entre 750-700 a.C. O documento D (Deuteronomista) forma o núcleo do livro de Deuteronômio, com um estilo homilético e prolixo que chama o povo à pureza do culto num santuário central e um serviço de amor a Deus. Postula-se sua autoria no século VII a.C., e que este núcleo serviu de base para a reforma na época do rei Josias (2 Rs 22; 23). A última é P (Sacerdotal), uma narrativa histórica mesclada com textos legais, de caráter sacerdotal, preocupados com leis ligadas a culto, dias especiais, construção de edifícios religiosos, cerimônias e sacrifícios. Recebe datação entre 550 a.C. até um pouco antes de 400 a.C.¹⁷

Dentro deste método histórico-crítico há uma discussão sobre qual seria o fragmento de fonte responsável pelo texto de Êxodo 17.8-16. Há uma disputa entre atribuir a fonte substancialmente a J ou a E. Martin Noth, B.S. Childs e F. Michaeli defendem a autoria Javista por entenderem que os versos 8-16 são um material narrativo antigo.¹⁸ Essa proposta recebe apoio do chamado livro das Guerras de Yahweh (J), mencionado em Números 21.14 e do fato de ser a primeira batalha enfrentada por Israel, narrada no livro, depois da derrota dos egípcios no

¹⁵ BALARINI, P. Teodorico (dir.). *Introdução à Bíblia: com antologia exegética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. v. 1. p. 36-38.

¹⁶ *Idem*. p. 39-49.; ARCHER, Gleason L., Jr. *Merece confiança o Antigo Testamento?*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 465-474.

¹⁷ LASOR, William L., et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 11-12.; ARCHER, Gleason L., Jr. *Op cit.* p. 474-475.; BALARINI, P. Teodorico (dir.). *Op cit.* p. 47-48.

¹⁸ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 234.

Mar. Ainda, há a constante menção, após esta guerra, da inimizade entre israelitas e amalequitas por todo o Antigo Testamento.¹⁹

Por outro lado, em favor de E, é tomada a referência a $\text{וּמִטָּה הַאֱלֹהִים}$ (“com a vara de Elohim”) como uma forte indicação de tal conclusão. Também, há a associação dos verbos hebraicos גָּבַר (v. 11) e יָצַו com outros textos, Êxodo 17.11, 13 e 32.18, reconhecidos como Elohistas. Hyatt defende esta teoria, mas propõe que o verso 14 provém de um redator Deuteronomista.²⁰ Os autores que defendem esta hipótese são J.P. Hyatt, Propp e Driver.²¹

Este aluno crê que não há motivos para desacreditar a autoria mosaica do Pentateuco nem de Êxodo, reconhecendo atualizações e trabalho editorial secundários, não determinantes, posteriores a Moisés (questões como nome de local, informações históricas elucidativas e acontecimentos posteriores à morte de Moisés).²² Primeiramente, há indícios no próprio livro de Êxodo do trabalho redacional de Moisés. A seção da obra nesta análise, afirma: “O SENHOR disse a Moisés: ‘Escreve isto num livro, como memorial...’” (Êx 17.14). Outros trechos apontam Moisés escrevendo num rolo ou livro o que Deus lhe ordenara e lendo ao povo (Êx 24.4, 7; 34.27). Fora do livro de Êxodo, em outras partes do Pentateuco, há referência ao trabalho autoral mosaico, transmitindo a lei de Deus por escrito (Nm 33.1, 2; Dt 31. 9, 11).

Logo após a morte de Moisés, seus escritos já eram considerados lei divina, como demonstra Josué 1.7-8: “... Tenha o cuidado de obedecer a toda a lei de que o meu servo Moisés lhe ordenou ... Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite” (Js 1.7-8). Em Josué, o trecho de Êxodo 20.25 é chamado de “Livro da Lei de Moisés” (Js 8.31). Outras referências veterotestamentárias indicam Moisés como o autor do Pentateuco (1 Rs 2.3; 2 Rs 14.6; 21.8; Ed 6.18; Ne 13.1; Dn 9.11-13; Ml 4.4). Também, o próprio Jesus reconhece a autoria mosaica de Êxodo (Mc 7.10 com Êx 20.12 e 21.17; Mc 12.26 com Êx 3.6).

Por fim, várias evidências internas literárias e históricas corroboram a autoria de Moisés na obra do Êxodo.²³ Cabe destacar o seguinte:

¹⁹ *Idem.Ibid.*; ROBINSON, Bernard P. Israel and Amalek – the context of Exodus 17.8-16. *In*: JOURNAL FOR THE STUDY OF OLD TESTAMENT, no. 32, 1985. p. 21.

²⁰ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 234.

²¹ PROPP, William. *Op cit.* p. 615.

²² CONNELL, J. Ciement. Êxodo. *In*: DAVIDSON, F. *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1963. v. 1. p. 577-578.

²³ ARCHER, Gleason L., Jr. *Op cit.* p. 498-508.

O texto indica que o autor estava muito bem familiarizado com os eventos e os lugares mencionados no livro. Detalhes como a forma, a cor e o sabor do maná (16.31), o fato de que os filisteus ocupavam a faixa litorânea entre o Egito e Canaã (13.17) e a menção de animais e plantas encontrados na península do Sinai e próximo a ela (25.5) sugerem que o autor do Êxodo foi contemporâneo dos eventos que escreveu.²⁴

Tendo definido Moisés como autor de Êxodo, é possível afirmar uma data provável para sua escrita. Não há espaço no trabalho para o desenvolvimento de argumentos em prol de uma data recuada para o evento do êxodo (na metade do século XV a.C.), mas levando em conta o relato de 1 Reis 6.1 em que Salomão iniciou a construção do templo (c. 966 a.C.) quatrocentos e oitenta anos após a saída do povo de Israel do Egito, e de que a ocupação israelita em Canaã já perfazia trezentos anos, na época de Jefé (Jz 11.26), não há outra opção, senão datar o êxodo por volta de 1445 a.C.²⁵

Ainda que se diga que a referência de 1 Reis 6.1 é arredondada, indicando doze gerações de quarenta anos cada, isso não poderia ser feito com a cifra de trezentos anos apresentada por Juízes 11.26, já que não é múltipla de 40.²⁶ Portanto, a obra do Êxodo deve ser datada entre 1445-1400 a.C., passando por processos de editoração e atualização secundários, posteriormente.

Não se pode afirmar com total certeza a localização de Refidim, onde se deu a batalha contra os amalequitas. As dúvidas sobre a rota seguida pelos israelitas²⁷ e até mesmo da localização do Monte Sinai dificultam a definição do lugar em que ocorreu o incidente de Êxodo 17.8-16. John Bright sugere a localização do Monte Sinai no sul da península e fundamenta seu entendimento no fato de que, caso o Sinai ficasse ao norte, próximo do Neguebe e das fronteiras de Judá (Js 15.3), seria de se esperar que desempenhasse um papel importante posterior como local de culto, o que não ocorre.²⁸ Merrill parece apoiar esta rota proposta.²⁹ Talvez, situar

²⁴ PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento: estruturas e mensagens dos livros do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 59.

²⁵ MERRIL, Eugene. *História de Israel*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 59-69.; PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. p. 60.; ARCHER, Gleason L., Jr. *Op cit.* p. 139-152.

²⁶ MERRIL, Eugene. *Op cit.* p. 61.

²⁷ Merrill diz que, pelo fato dos cinco primeiros locais – Shur, Marah, Elim, Sin e Refidim – serem exclusivamente mencionados no Antigo Testamento, não há como associá-los aos modernos sítios arqueológicos. Ver MERRIL, Eugene. *Op cit.* p. 74.

²⁸ BRIGHT, John. *História de Israel*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 160.

²⁹ MERRIL, Eugene. *Op cit.* p. 53.

Refidim, então, na parte sul da península, próximo ao deserto do Sinai e ao Monte (Êx 19.1-2), seja a opção mais provável.³⁰

O livro de Êxodo possui ligação com Gênesis e foi escrito para dar continuidade à história da relação de Deus com seu povo escolhido, da semente de Abraão. A expressão “estes são os nomes de” em Êxodo 1.1, também, ocorre em Gênesis 46.8, e em ambos são mencionados os nomes dos filhos de Jacó que entraram no Egito.³¹ “A menção dos nomes neste ponto forma uma conexão literária com o livro de Gênesis. Isto indica que os israelitas que viviam em escravidão, mantiveram um conhecimento dos seus ancestrais e, com isso, um conhecimento da promessa de Deus”.³² A partir daí, Êxodo inicia sua narrativa comentando as gerações seguintes e, finalmente, alcança a história de Moisés, por meio de quem Deus demonstra sua fidelidade e amor pactuais a Israel.

Os temas centrais do livro são a libertação da nação do jugo da escravidão por meio da ação redentora divina, a aliança de Deus com Israel no Sinai e a presença definitiva de Deus no meio de seu povo mediante o tabernáculo. Libertação e aliança caminham juntas, desde que o Deus que liberta seu povo, assume o direito de ser o seu único Senhor, a quem Israel deve suprema lealdade (cf. Êx 20.1ss). A singularidade de Deus é um tema importante tanto nas pragas, em que Yahweh demonstra ser mais poderoso que os deuses do Egito (Êx 7.14 – 11.10) quanto em Sua aliança, ao requerer adoração exclusiva (Êx 20.1-3, *et al*).

Yahweh mostra sua presença libertadora, quando Israel parecia estar entregue à escravidão egípcia, sem qualquer possibilidade de mudança (Êx 2.23-25). Ele aparece a Moisés, comissionando-o para ser o líder de seu povo e seu representante perante Faraó, demonstra seu poder diante dos egípcios em prol dos israelitas e traz libertação definitiva a estes de sua escravidão no Egito (Êx 3.1 – 15.21). Depois disso, Yahweh evidencia sua presença orientadora e provedora, cuidando do povo quando ele carece de água e alimento no deserto, é atacado pelo inimigo ou precisa de estruturação na liderança para uma eficiência maior no julgamento das questões do povo (Êx 15.22 – 18.27). Por fim, a presença de Deus se revela exigente, mediante a

³⁰ Ver rota sul em RIDLING, Zaine. *Bible Atlas*. [s.l.]: Acces Foundation, [s.d.]. Map 29. Outros tentam redefinir o local ou questionam se “Refidim” fazia parte do relato original da guerra contra os amalequitas. Ver ROBINSON, Bernard P. *Op cit.* p. 19.

³¹ PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. p. 59.; CONSTABLE, Thomas L. *Notes on Exodus*. [s.l.]: 2005. Disponível em www.soniclight.com. Acessado em Julho de 2008.

³² NET BIBLE. *Op cit.* Êxodus 1, sn. (study note) 3. (Tradução do autor).

aliança estabelecida nos Dez Mandamentos, as leis civis e religiosas, a vindicação dos ídólatras infiéis e as orientações com respeito ao tabernáculo, o lugar da presença de Deus no meio de seu povo (Êx 19.1 – 40.38). O Deus que ouve o clamor de seu povo dos céus, no começo do livro (Êx 2.23), finalmente, vem para habitar entre os israelitas e enche o tabernáculo com sua glória (Êx 40.34-38).³³

A narrativa de Êxodo 17.8-16, dentro do contexto do livro, tem como propósito demonstrar a suficiência de Yahweh no cuidado e preservação de seu povo durante a peregrinação no deserto. As seções anteriores, desde Êxodo 15.22, apresentam a fidelidade e capacidade sobrenaturais de Yahweh para suprir as necessidades de Israel. Em momentos que as águas são amargas para se beber ou não há nenhuma água, Deus transforma o estado delas ou as provê sobrenaturalmente (Êx 15.22-16; 17.1-7). Quando falta alimento, Deus supre, miraculosamente, o maná e codornizes (Êx 16.1-36). Constantemente, o narrador mostra a fidelidade de Deus em contraste com a murmuração do povo.³⁴

A peculiaridade do texto em análise é que, em lugar de haver uma murmuração interna, há um ataque externo por parte dos amalequitas, porém, uma vez mais, Yahweh evidencia sua capacidade sobrenatural na preservação de Israel. O nome Josué (vv. 9, 10, 13-14), “Yahweh salva”, além de introduzir tal personagem na narrativa do Êxodo, sugere, também, a intenção do autor em reforçar a presença salvadora de Yahweh. Outra expressão que destaca essa ênfase é a menção da “vara de Deus” nas mãos de Moisés, a qual define a vitória israelita na batalha, não por seu poder intrínseco, mas por causa daquele a quem ela representa (vv. 9-12, 15).³⁵

Paul House destacou, ainda, que a narrativa da vitória sobre os amalequitas é complementar a de Êxodo 14, no sentido de mostrar o quão universal é o poder de Yahweh para lutar contra os inimigos de Israel. A questão é se o Deus de Israel está limitado a uma região geográfica ou a condições em que haja bastante água, em contraste com o deserto. Em Refidim,

³³ SAYÃO, Luiz. *O livro de Êxodo*. (Apresentação em Power Point da aula *O Êxodo e a Perspectiva da História da Salvação*, lecionada no Seminário Servo de Cristo).

³⁴ WESTERMANN, Claus. *Handbook to the Old Testament*. Minneapolis, Minnesota: Augsburg, 1967. p. 60-61.

³⁵ *Idem. Ibid.*; DURHAM, John I. *Op cit.* p. 234.

Yahweh mostra sua supremacia para lutar contra os adversários de Israel, em qualquer lugar ou condição climática.³⁶

Bernard P. Robinson destaca algumas conexões literárias muito pertinentes entre o relato da guerra contra os amalequitas e o seu contexto próximo, o relato da provisão de água em Massá e Meribá (17.1-7) e a visita de Jetro (18.1-26). Nas três histórias há a escolha de ajudantes: anciãos em 17.5; guerreiros em 17.9; e juízes em 18.21. Em todas é destacada a insuficiência de Moisés, tanto para prover água (17.4), quanto para manter sozinho suas mãos erguidas (17.12), ou julgar todos os casos levados a ele (18.18). Ainda, há uma similaridade verbal entre 17.12 e 18.18: num texto, as mãos de Moisés estavam *pesadas*; no outro a tarefa de julgar era *pesada* para ele.³⁷

Nas narrativas da água em Massá e Meribá e da batalha contra Amaleque, a vara desempenha um papel importante (17.5-6, 9, 11). Em ambas são mencionados montes, onde Yahweh (17.6) e Moisés (17.9-10) se posicionam. Em 17.8-16 e 18.1-26, tanto Amaleque quanto Jetro *vem* (w[^]yyāb) ao acampamento de Israel (17.8; 18.5). O *posicionamento* de Moisés no alto do monte (17.9) e a *permanência* do povo *em pé* durante o dia (18.14) são descritos pelo mesmo verbo hebraico (n*x~b). Outros dois verbos recorrentes são lāq[^]j, quando Hur e Arão *tomam* uma pedra e Jetro *toma* o holocausto (17.12; 18.12); e sāl[^]r na ordem de Deus para que Moisés *registre* num rolo o incidente da batalha (17.14) e no *relato* de Moisés a Jetro do que o Senhor fizera por amor a Israel (18.8).³⁸

Ao final desta parte introdutória, cabe destacar a estrutura quiástica apresentada pela narrativa.³⁹

- A. A Guerra de Amaleque com Israel (v. 8).
- B. Instruções de Moisés a Josué e o que ele (Moisés) fará. Submissão de Josué (vv. 9-10a).
- C. Josué guerreia contra Amaleque (v. 10b)
- D. Moisés, Arão e Hur (v. 10c)

³⁶ HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005. p. 136.

³⁷ ROBINSON, Bernard P. *Op cit.* p. 16.

³⁸ *Idem.* p. 16-17.

³⁹ Adaptado de *Idem.* p. 15.

E. As mãos de Moisés (v. 11)

E. As mãos de Moisés (v. 12a)

D. Moisés, Arão e Hur (v. 12b)

C. Josué guerreia contra Amaleque e o derrota (v. 13)

B. Instruções de Yahweh a Moisés e o que Ele (Yahweh) fará. Submissão de Moisés (vv. 14-15).

A. Yahweh em guerra com Amaleque (v. 16).

COMENTÁRIO DO TEXTO

17.8. *Então, veio Amaleque e guerreou contra Israel em Refidim.*

A referência a “Amaleque” indica a ascendência do povo que promove o ataque, assim como o autor usa “Israel” neste mesmo versículo para se referir aos israelitas.⁴⁰ Os amalequitas eram nômades ou semi-nômades que vagavam pelas regiões do Neguebe, Arábá e, como mostra este texto, pela península do Sinai (Gn 14.7; Nm 13.29; 1 Sm 15.7; 27.8; 1 Cr 4.43).⁴¹ Eram, provavelmente, descendentes de Esaú (Gn 36.12, 16; 1 Cr 1.36), o que torna o ataque ainda mais abominável, pois agredem o próprio irmão.⁴²

Os amalequitas aparecem, posteriormente na história israelita, promovendo ataques contra áreas estratégicas de Israel (Jz 6.3-5, 33; 12.15; 1 Sm 30.1-2, 14) e, provavelmente, estabelecendo-se em alguns locais (Jz 12.15). Em outros momentos, servem como mercenários de guerras (Jz 3.13). Durante a monarquia, Saul acaba virtualmente com eles (1 Sm 15), mas, pouco tempo depois, esse grupo aparece atacando Judá (1 Sm 30.14) e um amalequita mercenário declara a Davi que matara Saul (2 Sm 1.1-10; 4.9-10). 1 Crônicas 4.34-43 parece narrar o desfecho do golpe final contra o povo de Amaleque, ainda que Hamã, denominado agagita (uma referência ao rei amalequita Agague em 1 Sm 15?), possa ter sido um dos últimos sobreviventes deste povo enquanto unidade étnica (Et 3.1).

⁴⁰ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 86.

⁴¹ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 235.; PROPP, William. *Op cit.* p. 616.; CONNELL, J. Ciement. Êxodo. In: DAVIDSON, F. *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1963. v. 1. p. 134; JOHNSON, Philip C. Êxodo. In: PFEIFFER, Charles F. *Comentário bíblico Moody*. São Paulo: IBR, 1984. v. 1. p. 86.

⁴² PROPP, William. *Op cit.* p. 616.

Não se sabe a razão do ataque, talvez, o fato de Israel achar água numa região árida motivou este incidente.⁴³ O livro de Deuteronômio esclarece que o ataque foi covarde, na retaguarda do acampamento israelita, atingindo os mais fracos do povo (Dt 25.18). O local do ataque já fora discutido anteriormente (p. 7), mas não há razão para situar Refidim próximo ao Neguebe, ou entender o nome como inserção posterior que não fazia parte da narrativa. Desde que os amalequitas eram um povo nômade e vagavam tanto pela Arabá como pelo Sinai, não é impossível que viessem ao encontro de Israel no sul da península.⁴⁴

17.9. *Diante disso, Moisés disse a Josué: “Escolhe alguns dos nossos homens e sai para guerrear contra Amaleque. Amanhã, eu estarei posicionado sobre o topo da colina, com a vara de Deus em minha mão”.*

Diferentemente dos relatos anteriores, diante da situação de crise, Moisés não aparece na narrativa agindo sob a orientação direta de Yahweh (cf. 15.25; 16.4ss; 17.4ss). Todavia, conforme o desenrolar do texto, fica evidente que esta ação estava de acordo com a vontade soberana de Yahweh, o qual confere vitória a Israel.⁴⁵

Josué (“Yahweh salva” ou “Yahweh é Salvador”) recebe este nome de Moisés (Nm 13.14), já que seu nome original era Oséias (Salvação). Ele é descrito como auxiliar de Moisés e possuía responsabilidade militar (Êx 32.17; 33.11; Nm 11.26-30; 13 – 14). A introdução abrupta do nome no texto não precisa ser encarada como adição posterior, mas talvez, se deva ao fato de que seu envolvimento desde cedo como assistente de Moisés, tornava-o tão bem conhecido que dispensava comentários explicativos.⁴⁶

A escolha de homens dentre os israelitas indica a seleção de uma elite militar, capaz de enfrentar os amalequitas. No dia seguinte, Moisés se posicionaria como representante de Deus e intercessor de Israel, no topo da colina.

Propp relaciona a ação de Josué e de Moisés com o quadro comum da antiguidade em que o general liderava a guerra, enquanto o sacerdote inquiria os agouros e suplicava aos deuses. Algo parecido ocorre no relato de Balaão, o qual sobe até o monte para ter uma visão panorâmica

⁴³ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 235.

⁴⁴ Ver *Idem.Ibid.*

⁴⁵ *Idem.Ibid.*

⁴⁶ *Idem.Ibid.*

do povo israelita, a fim de lançar agouros sobre ele e tentar induzir Yahweh a se voltar contra Israel (Nm 22.41; 23.13-14, 27-30).⁴⁷ Tal tentativa é frustrada, pois Yahweh é retratado como o Soberano que abençoa Israel por meio do profeta pagão. Assim, tanto em Balaão quanto no presente relato não é Deus que faz a vontade humana, mas o homem que se submete ao plano soberano dele. Isso é reforçado pela menção da “vara de Deus” sendo levada por Moisés ao topo da colina, a qual simboliza a presença soberana de Yahweh realizando milagres em prol de seu povo.⁴⁸

No contexto anterior do próprio livro de Êxodo, a vara é usada para manifestar o poder do Senhor diante de seu comando, não como uma forma de induzi-lo. Na narrativa da sarça é Deus quem manda Moisés lançar a vara ao chão e a transforma numa cobra (Êx 4.2-5); as pragas enviadas por Yahweh ao Egito, eram operadas mediante a vara, não por iniciativa de Moisés, mas por ordem divina, simbolizando sua ação poderosa (cf. Êx 7.14-21; 8.5-6, 16-17; 9.22-24; *et al*); o mesmo ocorre na abertura do Mar de Juncos (Êx 14.15-22) e com a pedra que jorrou água em Massá e Meribá (17.1-7). Portanto, a semelhança com a religiosidade do Oriente Antigo não pode desviar o foco da gritante diferença que havia entre a religião de Israel e dos demais povos. Moisés intercede por Israel, mas não induz Yahweh, pois, de acordo com o contexto do livro, ele é apenas representante da soberania e poder de Deus, não um mágico que exerce autoridade sobre Este.

17.10. *Assim, Josué guerreou contra Amaleque, conforme Moisés lhe ordenou. E Moisés, Arão e Hur subiram ao topo da colina.*

Josué leva a cabo a ordem de Moisés e guerreia contra o inimigo. Moisés toma posição no monte ao lado de Arão, irmão de Moisés, seu auxiliar na liderança do povo e porta-voz (cf. Êx 4.14-16; 24.14). A família de Arão seria instituída como responsável pelo sacerdócio em Israel, posteriormente (Êx 30.30; Lv 8 – 9).

Hur aparece poucas vezes no relato da peregrinação no deserto. O texto informa seu papel importante de assistência a Moisés na liderança de Israel (Êx 24.14) e sua descendência de Judá (Êx 31.2; cf. 1 Cr 2.19-20). Era avô de Bezalel, artista responsável pelo trabalho artesanal de objetos para o tabernáculo (Êx 31.2-5). Provavelmente, havia um envolvimento intenso de auxílio

⁴⁷ PROPP, William. *Op cit.* p. 617.

⁴⁸ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 236.; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 86.

de Hur a Moisés, mais do que podemos recuperar pelo texto.⁴⁹ Josefo afirma que ele era marido de Miriã.⁵⁰ Propp afirma que seu nome deriva, provavelmente, do egípcio “Horus”, o deus com cabeça de falcão que representava uma divindade faraônica.

17.11-13. *Quando Moisés erguia a sua mão, Israel prevalecia, mas quando a abaixava, Amaleque prevalecia. Ora, as mãos de Moisés ficaram cansadas. Então, tomaram uma pedra, colocaram debaixo dele e se assentou sobre ela. Arão e Hur sustentavam as suas mãos, um de um lado e o outro, do outro. Assim, as mãos de Moisés ficaram firmes até o pôr do sol. Deste modo, Josué derrotou Amaleque e seu povo ao fio da espada.*

Não é especificado no texto o propósito de Moisés, ao levantar as suas mãos. Alguns comentaristas sugerem magia,⁵¹ mas como demonstrado acima, é totalmente inconcebível tal tentativa da parte de Moisés, desde que Deus realizava seus propósitos conforme sua vontade soberana (ver p. 13). É possível ver nessa ação tanto uma atitude intercessória quanto representativa do poder de Deus em favor de seu povo. O erguer as mãos indicava a oração dependente do poder divino que vinha do alto, e ensinava a Israel que a vitória na batalha não repousava em sua capacidade militar ou nas armas, mas na ação sobrenatural de Yahweh.⁵² Por outro lado, o levantamento da vara que estava na mão de Moisés (verbo hebraico *rWm* – erguer, levantar), em outros textos, representava a certeza de que Yahweh iria agir em prol de Israel (Êx 7.14-21; 14.15-21). “Moisés levantou suas mãos, certamente, como símbolo do poder de Yahweh sobre os guerreiros de Israel, mas de algum modo miraculoso, as mãos levantadas de Moisés se tornaram, também, condutores daquele poder”.⁵³

Com o passar do tempo, as mãos de Moisés se cansaram (lit. “estavam pesadas”) e ele precisou da ajuda de Arão e Hur, que proveram uma pedra, a fim de que se assentasse, e mantiveram suas mãos erguidas, cada um segurando de um lado. O que chama a atenção no texto hebraico é a frase “as mãos de Moisés ficaram firmes até o pôr do sol” que, literalmente, seria “as mãos de Moisés eram a própria firmeza até o pôr do sol”,⁵⁴ provavelmente, indicando que suas mãos erguidas conferiram sustentação e estabilidade ao exército israelita até o final da batalha.

⁴⁹ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 236.

⁵⁰ JOHNSON, Philip C. *Op cit.* p. 86.; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 86.

⁵¹ Ver referências em DURHAM, John I. *Op cit.* p. 236.

⁵² JOHNSON, Philip C. *Op cit.* p. 86-87.; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 87-88.; CONNELL, J. Ciement. *Op cit.* p. 134-135.

⁵³ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 236.; ver, também, CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 87-88.

⁵⁴ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 236.; PROPP, William. *Op cit.* p. 618.

Isso ratifica a idéia da representação do poder de Yahweh mediante a vara erguida pelas mãos do líder israelita, especialmente porque no Pentateuco há apenas mais uma ocorrência da palavra *אֱמֻנָה*, em Deuteronômio, e ali indica a “fidelidade” como atributo divino, ao sustentar Israel durante sua peregrinação no deserto (Dt 32.4).

O resultado da firme ação de Yahweh em favor de Israel foi a vitória sobre os amalequitas ao fio da espada. A expressão hebraica “pela boca da espada” é gráfica, na qual a lâmina desse instrumento de guerra é descrita como uma “boca” que devora o exército inimigo.⁵⁵ Há, possivelmente, um paralelo literário entre a palavra usada para o verbo *יָרַו* (“derrotar”, “enfraquecer” - v. 13), e a palavra usada para descrever os *נִשְׁבָּטִים*, “enfraquecidos”, do povo de Israel que foram vítimas do ataque amalequita (Dt 25.18).⁵⁶

17.14. *O SENHOR disse a Moisés: “Escreve isto num livro, como memorial e declara a Josué que eliminarei completamente a memória de Amaleque debaixo dos céus”.*

Esta é a primeira vez, na seqüência da história bíblica, que se menciona a atividade literária.⁵⁷ O texto apresenta a capacidade de escrita de Moisés e oferece peso a favor da autoria mosaica no registro das peregrinações de Israel. Surge a questão se este foi o primeiro manuscrito ou se Moisés já vinha relatando suas experiências de caminhada, anteriormente. Há a possibilidade de que este rolo fosse o conhecido “Livro das Guerras de Yahweh” (Nm 21.14).⁵⁸ Não há razão para sugerir que Deus o orientou a anotar o evento em qualquer objeto com uma superfície possível de se escrever, como a própria pedra em que estava assentado ou no altar que erigiu,⁵⁹ desde que a narrativa afirma ser um “livro” ou “rolo” o lugar da escrita.

Sem dúvida, há um jogo de palavras entre *זִכְרוֹן* (“memorial”) e *זִכְרוֹן* (“memória”).⁶⁰ Como bem destacou Propp, a “memória” de Ameleque a ser eliminada por Deus, diz respeito ao seu nome, indicando o fim de sua posteridade. “O sentido, portanto, é que Amaleque nunca seria esquecido, mas sobreviveria apenas como uma memória, não como um povo”.⁶¹

⁵⁵ PROPP, William. *Op cit.* p. 619.

⁵⁶ ROBINSON, Bernard P. *Op cit.* p. 18.; PROPP, William. *Op cit.* p. 618.

⁵⁷ PROPP, William. *Op cit.* p. 619.; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 89.

⁵⁸ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 236-237.

⁵⁹ Ver as sugestões em PROPP, William. *Op cit.* p. 619.; DURHAM, John I. *Op cit.* p. 236.

⁶⁰ PROPP, William. *Op cit.* p. 619.

⁶¹ *Idem. Ibid.* (Tradução do autor).

A decisão de Deus em eliminar o povo amalequita deveria ser preservada tanto por escrito (“escreve isto num livro”), a fim de não ser esquecida, quanto oralmente (“declara a Josué”). Esse destaque à comunicação a Josué do que Deus faria com Amaleque, fortalece a fé de que Yahweh dará vitória a Israel sobre seus inimigos e chama Josué e os israelitas à responsabilidade de serem os instrumentos de Deus na concretização de sua promessa.⁶²

A severidade do julgamento deve ser vista à luz do fato de que os amalequitas atacaram Israel por trás, atingindo os mais fracos e cansados, que não tinham qualquer condição de se defender (Dt 25.17-19). Isso é reforçado pelos paralelos entre Deuteronômio 25.17-19 (no qual aparece a explicação do juízo divino) e Êxodo 17.14. Em ambos são usados o verbo *m*ṣr* (“eliminar”) e o substantivo *z@k#r* (“memória”), indicando o que Deus faria a Amaleque. Além deste fato, ao guerrear contra Israel, os amalequitas afrontavam a própria Soberania divina que prometera conduzir Israel até a Terra Prometida e estabelecê-los ali (cf. Êx 3.7-9; 13.11).

17.15. *Moisés construiu um altar e declarou Seu nome: “O SENHOR é a minha bandeira”.*

A construção do altar por Moisés é, provavelmente, um modo de render graças a Deus pela vitória e celebrá-la. Ele afirma que Yahweh era a sua *ṣṣ* (“bandeira”; “estandarte”; “estaca”), um estandarte militar fixado, geralmente, sobre um monte em sinal de guerra ou conquista (Is 13.2; 18.3; 30.17; 31.9; 62.10; Jr 4.6; 51.27). A subida de Moisés ao monte e o levantar de suas mãos, segurando a vara de Deus, representavam a luta do próprio Yahweh contra Amaleque, de modo que era Ele quem capacitava e motivava o exército israelita para a batalha. Portanto, o altar não é chamado de “Moisés é a minha bandeira” ou “A vara de Deus é a minha bandeira”, mas “Yahweh é a minha bandeira”, como o responsável pela vitória de Israel.⁶³

Durham afirma com precisão que assim como o templo era mobiliado com “sinais” da presença e poder de Deus no meio do seu povo, tais quais a Arca, o altar de ouro, a Mesa dos Pães da Presença, da mesma forma, o erguer das mãos em cima do monte sobre a batalha servia como “sinal” da presença de Yahweh e da emanção do poder dele tanto quanto os outros objetos (cf. 2 Sm 6.6-15).⁶⁴

⁶² CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 89.

⁶³ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 237.

⁶⁴ *Idem. Ibid.*

17.16. *E disse: “Por causa da mão levantada contra o trono do SENHOR, haverá guerra da parte do SENHOR contra Amaleque, de geração a geração”.*

Este versículo analisado em “notas textuais” acima é de difícil entendimento, mas parece ser elucidado por seu contexto. Alguns sugerem a leitura não como “trono”, mas como “bandeira” e traduzem a expressão do seguinte modo: “uma mão sobre a bandeira de Yahweh”.⁶⁵ Interpretam, pois, a passagem como uma referência ao próprio Moisés, enquanto representante dos israelitas, jurando cumprir o propósito de Yahweh em vingar-se dos amalequitas.⁶⁶ A dificuldade desta proposta é que não há qualquer apoio de manuscritos bíblicos, e quem aparece jurando destruir os amalequitas no contexto é o próprio Yahweh, não Israel (v. 14).

Assim, tanto pela sugestão dos manuscritos quanto pela ocorrência da palavra “trono” ligada ao nome de Deus nas Escrituras como uma referência à soberania de Yahweh (ver Sl 45.6; 47.8; Is 6.1-3; 66.1-2), é melhor compreender que a “mão” do povo de Amaleque se virou contra a soberania do Senhor, ao atacar Israel (ver comentário do v. 14) e, por isso, Deus guerrearía contra os amalequitas para sempre. Aqui se encontra o motivo dado pelo texto para o juramento feito por Yahweh no verso 14.⁶⁷

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DO TEXTO

O texto de Êxodo 17.8-16 traz consigo implicações práticas para a igreja moderna. Primeiramente, ensina a presença de Deus na vida de Seu povo, em meios às situações difíceis e adversas. Quando se viram atacados pelos amalequitas, tanto Moisés quanto Israel recorrem à ajuda divina, simbolizada pela vara de Deus. Yahweh é quem provê o livramento deles diante da oposição dos inimigos. Portanto, a salvação de Israel não residia em sua própria capacidade, nem precisaria desesperar-se perante um ataque repentino, mas deveria colocar sua confiança no Senhor e esperar dele a vitória. Da mesma forma, quando cristãos enfrentam circunstâncias difíceis e não encontram forças para lidar com elas, necessitam buscar a ajuda e suficiência em Deus, crendo em Seu poder para capacitá-los a passar pelas provas e tribulações. Não é a sabedoria nem habilidade humanas que proporcionam suporte para a igreja encarar os momentos

⁶⁵ PROPP, William. *Op cit.* p. 620.; JOHNSON, Philip C. *Op cit.* p. 87.

⁶⁶ PROPP, William. *Op cit.* p. 620.; JOHNSON, Philip C. *Op cit.* p. 87.

⁶⁷ DURHAM, John I. *Op cit.* p. 237.; CONNELL, J. Ciement. *Op cit.* p. 134-135.; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 89.

difíceis, porém, Deus promete estar com os seus e proporcionar Sua graça cuidadora, quando estes o buscam e confiam nele (Js 1.7-9; 2 Co 1.3-5; 12.7-10; Fp 4.10-13).

A passagem ressalta, também, a ira de Deus sobre os que se opõem à sua santa e soberana vontade. Yahweh derrota Amaleque porque, antes de tudo, sua ação foi contra o próprio Deus. Hoje em dia, infelizmente, há uma má compreensão do caráter de Deus. Ressalta-se demasiadamente Sua graça e se perde a perspectiva que Ele, também, é “fogo consumidor” (Hb 12.29). Deus promete vingar-se daqueles que desobedecem os seus princípios, inclusive crentes em Cristo (1 Ts 4.6). O autor de Hebreus lembra que Deus julga seu povo e terrível coisa é cair nas mãos dele (Hb 10.26-31). Como Pai que ama o filho, Deus disciplina Sua igreja, a fim de aperfeiçoá-la em santidade (Hb 12.5-11).

Esta dupla perspectiva da graça e justiça de Deus devem orientar os discípulos de Cristo, conduzindo-os à dependência de Sua presença e cuidado, e a uma vida em submissão à Sua soberania e santidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARCHER, Gleason L., Jr. *Merece confiança o Antigo Testamento?*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.

BALARINI, P. Teodorico (dir.). *Introdução à Bíblia: com antologia exegética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. v. 1.

BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida 2003.

BRIGHT, John. *História de Israel*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CONNEL, J. Ciement. Êxodo. In: DAVIDSON, F. *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1963. v. 1.

CONSTABLE, Thomas L. *Notes on Exodus*. [s.l.]: 2005. Disponível em www.soniclight.com. Acessado em Julho de 2008.

DOUGLAS, J.D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1966. v. 1.

DEUTSCHE BIBELGESELLSCHAFT. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

DURHAM, John I. *Exodus*. Word Biblical Commentary Series. Waco, Texas: Word, 1987.

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005.

JOHNSON, Philip C. Êxodo. In: PFEIFFER, Charles F. *Comentário bíblico Moody*. São Paulo: IBR, 1984. v. 1.

KIRST, Nelson, et al. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.

LASOR, William L., et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2002.

NET BIBLE. Biblical Studies Foundation. Disponível em www.bible.org. Acessado em Setembro de 2008.

OWENS, John Joseph. *Analytical Key to the Old Testament*. Grand Rapids: Baker, 1990. v.1.

PINTO, Carlos Osvaldo C. *Fundamentos para exegese do Antigo Testamento: um manual de sintaxe hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

_____. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento: estruturas e mensagens dos livros do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006.

PROPP, William. *Exodus 1-18: a new translation with introduction and commentary*. Anchor Bible. New York: Doubleday, 1999.

RIDLING, Zaine. *Bible Atlas*. [s.l.]: Acces Foundation, [s.d.].

ROBINSON, Bernard P. Israel and Amalek – the context of Exodus 17.8-16. *In: JOURNAL FOR THE STUDY OF OLD TESTAMENT*, no. 32, 1985. p. 15-22.

SAYÃO, Luiz. *O livro de Êxodo*. (Apresentação em Power Point da aula *O Êxodo e a Perspectiva da História da Salvação*, lecionada no Seminário Servo de Cristo).

SELLIN, Ernst, FOHRER, George. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977. v. 1.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

WESTERMANN, Claus. *Handbook to the Old Testament*. Minneapolis, Minnesota: Augsburg, 1967.